

Como Vania Santana se transformou em fantasma

“Toda vida é muitos dias, dia após dia. Caminhamos por nós mesmos, encontrando ladrões, fantasmas, gigantes, velhos, rapazes, esposas, viúvas, bonscunhados. Mas sempre encontrando a nós mesmos.”

James Joyce (Ulysses)

O que é um fantasma? Não se deve confundi-lo com mais um sinônimo de memória, com aqueles fragmentos de imagens e experiências vividas, embora o fantasma também seja uma espécie de resto de algo que existiu. Mas o fantasma vai além, ele supera a nostalgia da lembrança ornada de sentido e contexto. Invenção divorciada de sua fonte criativa por meio do decreto da vontade própria, o fantasma torna-se incontrolável e, portanto, assombra. Ele é uma existência paradoxal, de inexprimível opacidade que se coloca como um véu a nos proteger da visão aniquiladora do impossível, sutura impostora que simula a materialização do que falta sem, contudo, saciar a ausência. O fantasma é uma aparição que não ampara, visão quimérica, impalpável e fugidia produto do enlace entre o desejo de um que foi e do outro que imagina uma solução precária e imediata para sua dor, ou para o seu medo.

O fantasma não é como uma coisa ou uma pessoa. Sua onipresença se faz sentir sem que se possa localizá-lo, tocá-lo, espantá-lo. Todavia, geralmente os fantasmas não são providos de força. Eles atravessam as paredes porque não podem quebrá-las. Eles habitam no corpo de quem os invoca, mesmo que inconscientemente, porque já não dispõem da carne mecânica que faria deles uma ameaça. São geralmente tão incontroláveis quanto inofensivos, exceto quando uma existência pulsante lhes doa por transfusão o desejo vivo e a pungência de um acúmulo de cargas simbólicas. Contudo, então, o fantasma tem seu resto de personalidade ainda mais reduzido, pouco a pouco possuído pela fantasia que o anima, quase sempre, no plural, carga enérgica de uma criação coletiva alienada.

Digamos que o maior medo de Vania era se transformar em um fantasma. Mais do que tudo, ela estimava ter absoluto controle sobre todos os detalhes da sua existência. Seu esforço em se conhecer era proporcional à precaução de não se fazer conhecida, pois quando as pessoas pensam que conhecem alguém, elas tendem a projetar suas próprias criações acerca de... ignorando a existência original. Misteriosa, ela preservava o seu ser contra as sugestões alheias, logo que não lhes oferecia

substância suficiente para uma fantasia baseada nela mesma, limitando-os ao poder de especular e criar projeções que escapavam à figura própria que ela era. É imaginável que tão refinada preservação não lhe ocorreu do dia para a noite. Antes de iluminar-se com a premissa de se preservar em sua originalidade, Vania tentou participar do mundo.

Teve amizades, amores e um filho. Conviveu com a família. Chegou até a insinuar-se no meio artístico e a aparecer em uma ou outra exposição com suas pinturas, ainda desprovidas de um norte expressivo. “Sem personalidade, sem autoria, sem paixão”, ouviu certa vez de um professor. Conforme avançava no curso de artes e participava desse cenário, mais se perdia de si. Tudo o que ela tentava expressar ganhava dimensões outras. Sentia com violência a investida de outros tentando defini-la. Não sabia se teria um futuro ou não. Não era um sucesso ou um fracasso. Constatou-se imatura e logo era melhor se retirar antes que tantas sugestões lhe causassem um estrago irreparável. Ela tinha seu cargo jovialmente conquistado como servidora pública em uma repartição administrativa responsável por arquivos de obras artísticas. Concluiu que tinha o que precisava, preferindo resguardar o prazer isolado e individual que a inebriava ao pintar do que expor-se.

Tudo se resolveria tão cedo, não fosse progressivamente percebendo que era constante e crescente, conforme a intimidade avançava, a manifestação de percepções alheias sobre quem, como, o que ela era. Incomodava-se com a necessidade dos outros em rotulá-la, incômodo que alcançou o limite do insuportável quando pariu seu primeiro e único filho e línguas agudas observavam o quanto a maternidade lhe fugia. Divorciou-se e deixou ao dispensado companheiro a criação do filho, com quem construiria um amistoso e sólido vínculo nos encontros semanais. Retirou-se para uma casa cuja proximidade com a cidade era apenas suficiente para que frequentasse o trabalho. Lá, passou as últimas décadas da sua vida pintando e fazendo o que melhor lhe competisse, recebendo ocasionais visitas para além da periódica presença do filho, sem permitir, entretanto, intimidade tal que autorizasse a qualquer um o direito de enquadrá-la.

Tamanha era a impotência que sentia quando internada devido a um câncer terminal que lhe comia os intestinos, que não suportou a ideia de perder lentamente as suas forças e deixar-se inteira na dependência alheia. Antes disso já a julgavam: diziam do cigarro, do estilo de vida, não economizavam especulações diagnósticas

que teriam motivado o câncer, atribuindo a sua origem até mesmo a sentimentos que ela nunca identificou em si, tais como rancor, avareza, mágoa. Para Vania, a única razão de seu afastamento era a primazia de sua preservação, de jamais deixar-se invadir ou contaminar pelo olhar equivocado do outro.

Antes que se transformasse em máquina inerte de dor e vulnerabilidade, ela cuidadosamente esperou uma madrugada silenciosa e descuidada, quando exaustos todos dormiam ou estavam distraídos no descanso, livrando-a da vigilância constante. Na falta de recurso melhor, por mais que preferisse a discrição até o fim, pulou a janela. Não chegou a sentir o choque do seu corpo com o asfalto fazendo-se aos pedaços. Morreu voando. Todavia, não se pode dizer que morreu em paz.

Desafiando a brevidade do caminho até o chão, Vania se deu conta de que esqueceu de escrever uma declaração que explicasse as razões do seu suicídio, algo fundamental ante de um ato desencadeador de tantas fantasias. Lamentou profundamente descuidar-se no último instante da proteção à originalidade do seu ser, expondo-se irremediavelmente às sugestões e projeções alheias. Ainda, teve tempo de lamentar não ter deixado uma nota de despedida para o filho, pessoa que melhor a conhecia, que a conhecera de dentro e nunca forçou ultrapassar os limites estabelecidos por ela para se manter íntegra. Foi assim, na morte, que paradoxalmente Vania encarou a inevitabilidade de sua sina.

Madrugada erma, jamais inabitada, os cuidados da agora defunta não evitaram vídeos e fotografias, primeiro tímidas, depois, nutrindo a imprensa: “Mulher sofrendo de câncer terminal pula da janela do hospital”. Surgiram mais outros títulos assim, desses que aparecem, chocam e desaparecem. Seu caso despertou algumas discussões adormecidas sobre eutanásia, outras comovidas considerações sobre o suicídio, um bocado de ofensivas considerações fundadas na defesa da vida a qualquer custo. Tais pequenos rumores conviviam com o luto de Raul, tranquilizado pela ideia de que a mãe continuaria a ser personagem genérico de uma trama imprecisa até que outra notícia mais interessante tomasse os holofotes. Surpreendeu-se quando recebeu uma primeira ligação solicitando uma entrevista sobre a artista falecida.

Artista? De mulher sofrendo de câncer, Vania ganhara um nome e um título: Vania Santana, conforme assinava seus quadros, artista plástica ou pintora, era como a ela se referiam, às vezes somando qualidades: eremita, excêntrica... eram poucas

e distantes no tempo suas obras em circulação, mas não eram elas que interessavam. Segundo relato de uma fonte anônima, certificado pelo que se encontrou nas redes sociais, haviam dezenas, talvez uma centena de quadros de teor relevante – a partir de agora – para a arte nacional. Conquanto a cria do ícone mórbido do momento continuasse a recusar os reclames da mídia, notícias aconteciam com o que se encontrava. Fotos de uma jovem Vania Santana acompanhavam os títulos antes solitários, renovados também em conteúdo e extensão: “O que o suicídio da artista Vania Santana tem a nos dizer sobre o tratamento de pacientes terminais?”; “A determinação de Vania Santana: uma artista que escolheu como viver e como morrer”.

Da surpresa inicial, Raul sentiu-se imerso em um conto absurdo, constatando que as notícias e contatos exigiam, com dissimulada sutileza de pêsames, que ele se apressasse em trazer a público as obras da artista cujas cinzas mal esfriaram, já que era o herdeiro dos direitos autorais. Direito que gostaria de deter era o do luto. A combinação improvável entre sensibilidade e praticidade do jovem fez com que ele reservasse o pesar para depois e se movimentasse a fim de recuperar logo a sua paz. Não compreendia semelhante barulho por causa de algumas pinturas de natureza morta. Verdade seja dita: ele pouco ou nada sabia de arte, tampouco se interessava, mas convivera o suficiente com a matéria para saber que naturezas mortas, como as que a mãe pintava segundo a sua memória, nada tinham de espetacular na contemporaneidade.

Apressou-se rumo à casa que, em outras circunstâncias, esperaria um ou mais meses depois da fatalidade para visitar. Supunha que seguia para recolher uma dúzia de pequenos quadros de natureza morta e entregar aos que os reclamavam. Desavisado sobre a pouca atenção de sua memória ao hobby da mãe, entrou rapidamente em busca do acervo, evitando se abalar com os vestígios da figura materna ainda vívida em si. Ignorou que pudesse haver algum quadro pendurado nas paredes da casa extensa, retangular e sem-graça, dirigindo-se ao grande quarto no qual recordava que Vania acumulava seus materiais e produções.

O cenário que encontrou era inesperado: da proximidade do teto ao chão havia quadros de tamanhos variados, até um sórdido volume escorado na parede formando fileiras de pinturas emolduradas. Alguns rolos sugeriam outras produções aguardando o acabamento de quadro. Apesar disso, tudo muito organizado deixava o centro do local livre e disponível um velho sofá encardido, no qual ele se deixou sentar

involuntariamente, abandonando os olhos no quadro maior diante de si, que ocupava o centro da parede coberta de pinturas.

Permitiu que o olhar antes fixado no fundo escuro da tela percorresse os motivos que a compunham. Sobre a mesa rústica quase tão escura quanto o fundo, destacava-se entre a coleção de frutas, flores e objetos um cacho de uva, uma maçã verde, uma vela acesa. Por que toda aquela extensão para isso? Identificou alguns ossos de galinha tal os restos de uma refeição, um cacho de bananas que trazia luz e cor a mais ao lado direito da tela e, então, seus olhos pousaram perplexos sobre uma majestosa pica harmonizada com a beleza passiva (não mais) da obra. Levantou-se sem reflexão, observando com atenção jamais dispensada ao trabalho da mãe, rapidamente, quadro por quadro, desbravando cuidadosamente, de modo a não danificar, as fileiras de telas no chão. O padrão se repetia.

Por vezes ela enfatizava as bolas, entre uvas ou nozes, perdidas no emaranhado de cereais. No topo do crânio sobre a mesa, metia uma pálida rola de ponta amarelada onde se esperava uma vela. De testículos murchos como ameixa seca pendia um bilro elástico alinhado com os cachos de fruta. Apenas uma piroca por quadro, em perfeita combinação com as cores, formas e emoções da paisagem, causando uma perturbação surpreendentemente poética. Cadernos, desenhos avulsos, telas enroladas prosseguiram revelando a mesma variedade de naturezas mortas e paisagens bucólicas brindadas com uma geba. Entre um constrangimento fugidio e o choque, Raul soltou uma gargalhada sonora e arrepiou – por um instante, sentiu o fantasma da mãe satisfeito com o seu senso de humor e desembaraço.

Ele riu da piada, é fato, sem, contudo, compreendê-la. O que movia a obsessão da velha águia, como carinhosamente chamava Vania, em camuflar a genitália masculina em meio àqueles arranjos? *Memento mori*. Se conformou sem delongas: não conheceu e jamais conheceria com maior profundidade aquela que o pariu. E, afinal, o quanto se conhece, realmente, qualquer pessoa? Algo no contato com aquelas telas lhe trazia uma nova afinidade com a mãe. Raul não entendia a razão, apenas sentia-se mais próximo dela do que jamais fora, como se ela tivesse lhe deixado, ao partir, uma confiança que só ele poderia acessar.

O triunfo íntimo misturado com a tristeza da perda irreparável perturbou-se logo que voltou do retiro maternal, agora cripta de uma existência teimosamente arredia, e foi atropelado por requisições transmitidas pela esposa: solicitavam contato com Raul

para falar sobre Vania Santana, para doar, vender, emprestar, disponibilizar suas obras. Voltara de mãos vazias para lidar com os infernais credores de uma dívida que não era dele. Isolou-se no banheiro para, pela primeira vez, acessar as redes sociais da mãe. E lá estavam perfeitamente fotografadas boa parte das telas que só agora ele havia descoberto. Flertou com o sentimento de ciúme por não ser o primeiro a conhecer o seu acervo, desinteressado nisso que sempre fosse. Abandonou a vertigem para concentrar-se em resolver a situação que interpelava o seu luto.

Sabia vagamente sobre a resistência da velha águia em se submeter ao crivo dos julgamentos, competições e burocracias que convertiam seu prazer na arte em tortura. Sabia, também, que ela evitava relações, facilmente se sentindo invadida. Percebia, em contrapartida, a inevitável sina de Vania Santana, a mesma de tantas outras figuras antes dela: tornar-se na morte o centro das atenções, um ícone, uma assombração quimérica de fantasias coletivas, polêmicas, especulações. Ela já não pertencia a si mesma e tampouco as suas obras. Sua imagem e as imagens que produziu eram agora fomento de um fantasma que, diferente dela, jamais morreria, ao menos naquele círculo que criava por meio de seu nome e de seu trabalho uma plástica impressão. Se ele participasse do jogo, recusando-se a entregar o que pediam, fariam dele personagem perene daquela comédia. Vilão. Estava certo de que a mãe entenderia a sua decisão.

Da sensibilidade à prática, decidiu buscar auxílio para transportar e dar o melhor destino às obras de Vania. Convidou uma amiga e um amigo, dos poucos frequentadores da casa. Estes, sensíveis à natureza dela, detinham-se aos diferentes níveis de conversas intelectuais ou impessoais, sem jamais atravessar a fronteira de intimidade traçada. Aquelas pessoas certamente saberiam o que fazer. Encontrou-se com as amigas da defunta na entrada da casa, concordando passivamente com a estratégia da dupla sobre o que fazer, como e para onde destinar os trabalhos.

No tempo de um impulso, Raul se sentiu livre do torpor que o tomava, conseguindo lançar a pergunta no ar: — O que vocês acham que estas pinturas significam?. O amigo brincou: — Significa que a sua mãe gostava disso. Ora!, avisando em seguida sobre a piada, proferiu um breve discurso que Raul não escutou sobre não haver um sentido estabelecido nas obras. A amiga, após alguma introspecção, comenta sobre ser uma provocação contra o colonialismo e o patriarcado, algo que o remeteu a algumas das publicações que leu em jornais e na

web sobre Vania Santana, a artista. Poderiam realmente dizer sobre as pinturas, mas não sobre o que a sua mãe pintava.

Foram alguns dias de trabalho até que concluíssem a distribuição das obras com a participação de um Raul silencioso e ensimesmado, persistindo contraditoriamente na tentativa de conhecer a mãe nas telas das quais se despedia. Assistiu, com progressiva apatia, a intempestiva exposição individual inaugurada com uma velocidade absurda após a primeira negociação com uma galeria de arte e, do que mais procedeu, debates oscilantes entre os sentidos das pinturas e a atitude da artista, circulando entre os temas da eutanásia, do suicídio, do gênero, do sexo, do obsceno, do sagrado.

Alheio aos detalhes do rebuliço, Raul aguardava livrar-se do excesso de ruídos para despedir-se da mãe, cuja finitude processada pelo racional ainda não atravessara o campo das emoções. Gostaria de ignorar os acontecimentos enquanto, em vão, era arrebatado pelo absurdo de assistir o surgimento de um monstro chamado Vania Santana, nutrido pela existência de uma Vania que viveu invisível para o mundo. Era assim a vida. Algumas pessoas se esforçavam e alcançavam o estrelato, muitas vezes, após a morte. Outras, acidentalmente atravessavam o caminho de uma popularidade indesejada, também, não raro, após a morte. A morte era a irresistível estrela em sua impossibilidade de assimilação.

Como arrastado pela experiência materna inoculada em sua alma, Raul desculpou-se com a esposa, que compreendeu. Decidiu retirar-se, por um tempo, na casa esvaziada dos investimentos plásticos da velha águia. Por um tempo, se entregaria à sensibilidade, já que resolvera o fundamental, esgotando sua praticidade diante daquele momento nebuloso. Viveria o luto para deixar partir a mãe, deixando que uma parcela de mundo desse vida a uma assombração chamada Vania Santana, que pouco lhe dizia respeito. Na casa de campo maternal, poderia acampar no tempo dos afetos, reduzir o ritmo. Estacionou e seguiu devagar, abrindo lentamente as trancas, entrando em câmera lenta na casa impregnada de memórias cujos detalhes foram sequestrados pela distração da vida ignorante do fim.

Bastou que abrisse a porta da entrada principal em seu novo ritmo de câmera lenta, o ritmo de assimilação da ausência, para surpreender-se com uma esquecida pintura de moldura e proporções humildes, logo acima da televisão. Curiosamente, a cena congelada nas pinceladas de Vania desviava-se um pouco das demais telas: um

caixão em cova rasa semiaberto num bosque cru de clima, sem elementos que aflorassem qualquer emoção relacionada à morte. O céu branco de nuvens ralas, cruces, lápides, flores sobre a grama verde num cemitério arborizado. Acima da caixa mortuária, junto aos lírios e cravos, um caralho vitorioso descansava da sua fuga. *Memento mori*. De todos os outros, era o único que gozava. Aproximou-se e confirmou a data de sua conclusão, constatando-a próxima de quando Vania soube do tumor.

Entendeu, de alguma maneira, a persistência do tema escolhido pela mãe. Por mais que ela se isolasse do mundo, jamais se livrou do espectro que a atormentava e dedicou-se a pintá-lo, reduzindo dele, dessa maneira, os poderes de assombração até que, percebendo que também se transformaria em fantasma, se apaziguou com ele, apaziguou-se consigo, Vania Santana.

Papoula Rubra. **Mulheres Falando Só**. Goiânia: Mondru, 2023.

Conheça e adquira o livro na página: <https://www.papoularubra.com/pre-venda-mulheres-falando-so>

Contato com a autora: papoularubra.arte@gmail.com

Instagram: @papoulaal